

ECONOMIA EM MARCHA LENTA: Indústria não consegue recuperar postos perdidos e oferece ganhos reais cada vez mais baixos

Emprego industrial já caiu 5,6% até julho

Rio tem o quadro mais crítico do país, com fechamento de 10,7% das vagas no acumulado do ano

Cristina Palmeira e
Andréa Dunningham

• A indústria brasileira perdeu, nos sete primeiros meses do ano, 5,6% dos seus postos de trabalho, de acordo com pesquisa divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O levantamento mostra que só em julho, último mês pesquisado, houve um recuo de 1% no emprego industrial em relação a junho deste ano e de 5,7% em comparação a julho de 1996. Os dados do IBGE mostram ainda que nos últimos 12 meses a queda já chega a 7%. Tais indicadores confirmam o quadro de retração que atinge a mão-de-obra do setor desde o início dos anos 90.

Rio lidera a redução de postos de trabalho no setor

O Rio de Janeiro é o estado que apresenta o quadro mais crítico. De janeiro a julho, a queda do emprego industrial já é de 10,7%. Em seguida vem São Paulo, onde a retração é de 7,9%. Mas outras regiões também apresentaram resultados negativos: 2,8% no Nordeste; 2,4% no Sul; e de 1,9% em Minas Gerais.

À exceção do setor de fumo, que aumentou o contingente de empregados em 10% desde o início do ano, os outros 21 setores analisados pelo IBGE apresentaram queda no quadro de pessoal. As demissões estão ocorrendo com maior intensidade nos ramos de mecânica (-10,9%) e borracha (-12,1%).

Com a queda de postos, houve também redução de 5,2% na massa de salários pagos na indústria este ano. Em julho, o total de salários pagos caiu 0,5% em comparação a junho. Apesar disso, os técnicos do IBGE constataram que o salário por trabalhador

apresentou pequenos ganhos reais. No acumulado do ano, o ganho é de 0,5%. Essa taxa é bem inferior aos ganhos obtidos nos primeiros anos do Plano Real e reflete os acréscimos de 4% registrados no Nordeste, de 3,6% em Minas Gerais e de 3,5% no Rio no acumulado do ano. São Paulo andou na contramão: o salário médio acusa perda real de 0,3%.

Segundo técnicos do IBGE, 19 dos 22 segmentos pesquisados

apresentam ganhos reais de rendimento, ainda que pequenos. Os destaques são os resultados obtidos pelos trabalhadores da indústria extrativa mineral (ganho real de 7,1%) e editorial e gráfica (6%). Três setores exibem queda real do salário médio: mecânica (5,4%); material elétrico e de comunicações (2,6%) e fumo (11,8%).

As estatísticas do IBGE têm mostrado que a queda de empre-

gos na indústria segue uma trajetória irreversível, com o trabalho migrando cada vez mais para o setor de serviços. Ao participar ontem de um encontro sobre crescimento e emprego na América Latina e no Caribe, o ministro do Planejamento, Antônio Kandir, admitiu que o Governo já não pensa mais em criar postos no setor produtivo, razão pela qual está partindo para uma política mais ampla de geração de emprego e renda.

— Temos hoje um novo padrão de renda e trabalho. Não podemos querer gerar emprego da forma antiga — disse Kandir.

Governo vai investir em qualificação profissional

Segundo o ministro, a principal estratégia do país para o crescimento do emprego é o investimento pesado na educação da população, o que dará ao trabalhador maior qualificação e possibilidade de colocação no mercado de trabalho. Só este ano, o Governo deverá treinar 1,3 milhão de trabalhadores, de acordo com Kandir.

Outras metas que fazem parte de uma política mais ampla são o aumento da poupança interna e da competitividade dos produtos nacionais. Isso inclui, de acordo com o ministro, desde desonerações tributárias até melhoria na infra-estrutura do país.

— Alguns projetos, como o Porto de Sepetiba, serão concluídos mais cedo do que se imagina. Todas essas ações trarão reflexos para o mercado de trabalho. Também precisamos incentivar a integração comercial e cultural da América Latina — explicou ele.

O Governo também tomará medidas práticas de estímulo ao mercado. Segundo Kandir, uma das propostas é incentivar os no-

vos empreendimentos, com o incremento de programas de crédito produtivo. Instituições como o Banco Nacional de Desenvolvimento e Econômico Social (BNDES) têm programas desse tipo, visando estimular o trabalhador a montar seu próprio negócio.

Agroindústria, construção civil e turismo serão estimulados

Por outro lado, o Governo vai incentivar setores que são reconhecidamente forte empregadores de mão-de-obra. O primeiro deles será a agroindústria no Nordeste, especialmente os projetos de fruticultura. O setor de turismo é o segundo escolhido. Segundo Kandir, o orçamento da Embratur foi reforçado para esse fim. E o terceiro ramo é o da construção civil.

— Temos mais de 3.200 obras em andamento, com investimentos de R\$ 4,5 bilhões. E esperamos para outubro a aprovação no Senado do Sistema Financeiro Imobiliário, o que atrairá mais recursos para o sistema — diz ele.

As estratégias do Governo brasileiro foram apresentadas por Kandir no encontro sobre emprego, organizado pelo Sistema Econômico Latino-Americano (Sela), pelo Ministério do Planejamento e pela Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura), que termina hoje no Rio. Segundo o secretário da Sela, Carlos Moneta, as autoridades dos países que participam da reunião tentarão tirar uma estratégia conjunta de combate ao desemprego que afeta a região.

— Temos que enfrentar juntos a redução nos postos de trabalho. Isso acontece em todo o mundo. De 1935 a 1995, o PIB da França, por exemplo, aumentou 70%. O desemprego cresceu quatro vezes — diz Moneta. ■